

A Construção do Papel Feminino no Cristianismo Primitivo na Comunidade de Corinto (I d.C.)

Amanda Cristina Martins do Nascimento

Resumo: O presente texto tem como objetivo analisar a presença e o papel da mulher nas primeiras comunidade cristãs do século I d.C., para tal empreendimento optamos por analisar a *I Carta aos Coríntios* do apóstolo Paulo. Apesar de encontrarmos nesse período um mundo social que atribui uma posição submissa à mulher, observamos conflitos de papéis que se desenvolveram por meio da grande heterogeneidade de culturas e povos nesse mundo greco-romano. O movimento de Jesus proporcionou uma abertura para participação feminina no mundo antigo, mais do que estereótipos e normas, os papéis femininos passam por relações de poder, embates cotidianos, tanto no espaço da comunidade cristã como fora dela. Ao realizar uma análise profunda nos textos cristãos antigos vislumbramos relações mais complexas e dinâmicas.

Palavras-Chave: Cristianismo primitivo. Corinto. Papéis Femininos

Abstract: This text aims to analyze the presence and the role of women in the early Christian community of the century I A.D., to reach this objective we chose to analyze the *First Letter to the Corinthians* written by the Apostle Paul. Although we find in this period a social world which gives the woman a submissive position, we observe role conflicts that have developed through the great heterogeneity of cultures and peoples in the greco-roman world. The Jesus' movement provided an opening for female participation in the ancient world, more than stereotypes and rules, female roles go through power relations, daily struggles, both within the Christian community and beyond. By conducting a deep analysis on ancient Christian texts we have a glimpse of more complex relationships and dynamics.

Key words: Early Christianity. Corinth. Women's roles

Segundo uma pesquisa realizada pelo “Worldwide Independent Network of Market Research” no ano de 2015 seis em cada dez pessoas se dizem religiosas, isto é, afirmam que creem em algo relacionado ao Sagrado (WIN/Gallup, 2015). A pesquisa foi realizada através de entrevistas pessoais, por telefone e/ou internet com 64 mil pessoas em 65

países, notamos, assim, como a religião ainda é um elemento importante na vida de indivíduos e grupos sociais de diferentes localidades e culturas.

Já no Brasil, no último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apenas 8% dos brasileiros se declaram sem religião (NÚMERO..., 2012), sendo que a maioria se declara católica: 123,2 milhões, seguidos por 42,3 milhões de evangélicos. Podemos observar que em nosso país a grande maioria da sociedade se declara cristã (86,8% segundo o IBGE). Além disso, observamos no momento político atual nacional uma agitação causada por mudanças constitucionais influenciadas por bancadas formadas principalmente religiosos cristãos. Em novembro de 2017 encontrava-se em discussão a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 181/15, que tem por objetivo estender a licença maternidade em caso de nascimento prematuro (BRASIL, 2015)¹⁰, porém, ao passar pela Comissão Especial da Câmara, o texto foi modificado. O relator, deputado Jorge Tadeu Mudalen acrescentou uma mudança que enfatiza a “dignidade da pessoa humana, desde a concepção”¹¹. Para outros deputados essa questão abre precedência para a criminalização do aborto até em casos de estupros, quando a mulher corre algum perigo ou em casos de fetos com anencefalia.

Dessa maneira, essa mudança desencadeou uma série de protestos pelo país de mulheres contrárias à PEC, principalmente sob a reivindicação de a mulher ter o direito de decidir ser mãe.¹² E inclusive de movimentos de mulheres cristãs como EIG (Evangélicas pela Igualdade de Gênero) e o grupo “Católicas pelo direito de decidir”.

Mais do que apenas uma separação entre Estado e a religião para o mundo privado e pessoal do fiel, observamos como se faz necessária a discussão acerca do discurso e das práticas religiosas. A tensão entre a fé e o saber se reflete em políticas públicas e uma reflexão científica acerca do fenômeno religioso cristão por meio de pesquisas por diferentes estudiosos pertencentes às Ciências Humanas é fundamental para se compreender de maneira crítica o campo religioso.

Ainda assim, com todas essas problemáticas acerca dos estudos de religiões e religiosidades na contemporaneidade, como uma pesquisa acerca do cristianismo

¹⁰ Para mais informações as discussões e a tramitação podem ser acompanhadas em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2075449..>

¹¹ Redação ao inciso III do artigo 1º da Constituição Federal. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=54A20260D836F4E17061509229493620.proposicoesWebExterno1?codteor=1586817&filename=Parecer-PEC18115-16-08-2017.

¹² Vários Atos foram articulados através das redes sociais por todo o Brasil, como aponta a reportagem “Atos em SP e RJ protestam contra 'PEC do aborto' e cobram Maia e bancada religiosa”, disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/11/13/protesto-contra-pec-181.htm>.

primitivo, do século I d.C., pode trazer contribuições aos recentes debates? Observamos que dentro das igrejas cristãs do tempo presente a história das comunidades cristãs primitivas é um elemento de grande importância para seus fiéis. Estudada tanto por teólogos, padres, pastores, presbíteros e até por leigos. Porém, pouco se fala acerca dos conflitos internos que ocorreram dentro desses primeiros grupos, o foco muitas vezes é direcionado às perseguições religiosas sofridas¹³. A cultura histórica dentro do meio cristão trabalha com a visão de que os apóstolos eram grandes líderes e representantes vivos do próprio cristianismo:

Não obstante, Jesus fez desses doze homens líderes vigorosos e porta-vozes capaz de transmitir com clareza a fé cristã. O sucesso que eles alcançaram dá testemunho do poder transformador do Senhorio de Jesus. (AQUINO, 2013).

Porém, os conflitos internos estão presentes ao longo dos primeiros escritos cristãos; conflitos entre os próprios apóstolos¹⁴ e, mais especificamente, entre os próprios membros da igreja. Ideias que eram contraditórias ao cristianismo vigente hoje são chamadas de heresias, contudo, dentro da historiografia não podemos trabalhar com tal conceito, pois não havia o estabelecimento de uma instituição cristã ou de um único modelo cristão.

Nesse sentido, pensamentos e práticas religiosas dentro do cristianismo primitivo são alvo de discussão por seus fiéis, já que não há uma ortodoxia e/ou ortopraxia constituída. Como uma nova religião o cristianismo ofereceu um novo espaço de possibilidades, e, a partir disso, podemos refletir sobre a presença e o papel social da mulher nas primeiras comunidades cristãs do século I d.C.

Segundo Maria José Rosado Nunes (2005: 363): “As religiões têm, explícita ou implicitamente, em seu bojo teológico, em sua prática institucional e histórica, uma específica visão antropológica que estabelece e delimita os papéis masculinos e femininos”. Portanto, os papéis exercidos pelas mulheres devem ser pensados por meio da sua relação com o outro, aqueles que as cercam.

Compreendemos que o papel social da mulher na Antiguidade não apresenta um padrão. Apesar de encontrarmos nesse período um mundo social que atribui uma posição

¹³ A título de exemplo temos a obra *História do Cristianismo* da editora Casa Publicadora das Assembleias de Deus que inicia já nas perseguições de Nero (KNIGHT, 1983) in: *História do Cristianismo* / A. E. Knight [e] W. Anglin. – 2ª ed. - Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1983.

¹⁴ Na carta de Paulo aos Gálatas Gl 2.11-16.

submissa à mulher, observamos conflitos de papéis que se desenvolveram em meio à grande heterogeneidade de culturas e povos do mundo greco-romano. Diferenças étnicas, sociais, culturais, entre outras, devem ser levadas em consideração nessa complexidade que constitui o lugar social (FEITOSA, 2008: 125). Destarte, tanto a masculinidade como a feminilidade são construções socioculturais que se desenvolveram com o passar dos anos e séculos (BURKE, 2002: 75-79).

Assim, para delimitarmos melhor nossa reflexão optamos por problematizar uma comunidade cristã específica, situada na cidade de Corinto, acerca da qual há um dos textos mais antigos do cristianismo: a I Carta de Paulo aos Coríntios. A I Carta aos Coríntios é um documento que foi escrito entre os anos de 52 e 55 d. C., esse texto é considerado uma carta autêntica do apóstolo Paulo, com algumas inserções posteriores. As cartas dirigidas às comunidades cristãs, em geral, serviam para ordenar a igreja, responder as dúvidas dos fiéis, indicar modos de como o cristão deveria agir dentro e fora da comunidade. Portanto, analisar a questão de gênero deve considerar todas essas problemáticas que emergiram na igreja coríntia. O papel feminino é construído no cotidiano, dentro da experiência vivida, individual e grupal.

Paulo e Corinto

Segundo o texto de Atos dos Apóstolos (At 18, 2), Paulo partiu de Atenas para Corinto. Lá conheceu um casal judeu: Áquila e Priscila, expulsos de Roma por um decreto do Imperador Claudio emitido em meados da década de 40 d.C.¹⁵. Segundo Koester (2005: 119) a missão de Paulo se deu entre o outono de 50 até a primavera de 52 d.C. Corinto era uma cidade de grande importância para o Império, trajeto escolhido pelos comerciantes do Mediterrâneo oriental e ocidental (KOESTER, 2005: 331).

Embora Corinto se localizasse na região da Grécia, a princípio ela era um centro urbano de características romanas. Isso se deu, pois no ano de 146 a.C. ela foi conquistada pelo general romano Mummius (BOOKIDIS, 2005: 141), uma derrota que acarretou no extermínio completo de sua população masculina adulta, escravização do restante da população e na destruição da cidade. A sua reconstrução e ocupação foram retomadas somente um século depois, quando no ano de 44 a.C. fundou-se então a *Colonia Laus Julia Conrinthiensis*, tornando-se a capital da Província da Acaia.

¹⁵ Ver CROSSAN e REED (2007: 331).

Edificada em um ponto estratégico, Corinto ficava no istmo do Peloponeso. A cidade possuía dois portos, *Cencreia* e *Lechaeum*. Principal porto da Grécia, e grande centro industrial, onde se produzia cerâmica, tapetes e minérios (KOESTER, 2005: 124). De fato, a cultura romana era a soberana, mas não a única. Em um Império vasto, que abarcava grande parte da Europa, África do Norte e a Palestina a diversidade de povos contribuía para interações culturais.

Segundo Crossan e Reed (2007: 230), o sacerdócio nos cultos romanos era exercitado pelos homens, com exceção das virgens vestais. Os autores afirmam que essas sacerdotisas eram encarregadas da manutenção do fogo na fornalha do Fórum Romano e de guardar objetos sagrados, entre eles o *fascinum*; amuleto em formato fálico que protegia a cidade de Roma. Entretanto, outras formas de culto nas quais mulheres exerciam o sacerdócio eram encontradas no Império, como o culto ao deus Dionísio (mencionado pelos autores acima citados).

Além dos cultos públicos havia os rituais particulares, que asseguravam a *pax deorum* (a paz dos deuses, a “boa” relação entre deuses e homens) também entre os deuses domésticos (CORNELL; MATTHEWS, 1996: 94). Os rituais praticados no ambiente doméstico eram realizados pelo *pater familias*, ou seja, o homem que era o chefe da casa. Este não era apenas o pai e marido, pois o conceito de *oikia* ou *domus* (casa, respectivamente em grego e latim) apresentava um significado mais amplo; uma rede de dependências que abarcava trabalhadores, assalariados, escravos e, às vezes, alguns colaboradores (MEEKS, 1992: 53).

Para indivíduos pertencentes a uma classe média alta era esperado da conduta feminina a modéstia, castidade e devoção aos deuses e à família, além de que deveriam ser protegidas pelos homens. A vida doméstica era o seu campo de atuação, em submissão às decisões do *pater familias*. Embora, por meio da cultura material, encontremos alguns casos de mulheres da aristocracia romana como patronas, pessoas que doavam dinheiro para construções de edifícios ou até mesmo de sinagogas. A inscrição “Eu, Capitolina, digna e adoradora de Deus [...], fiz toda a plataforma e o revestimento da escadaria em pagamento de uma promessa, minha, de meus filhos e netos. Bênçãos” (CROSSAN; REED, 2007: 44) datada do século III d.C. foi achada em uma sinagoga de *Trales* (hoje Aydin), próxima ao mar Egeu. Como falamos no início deste parágrafo, “era esperado” um comportamento submisso, porém nem sempre a teoria é realmente uma prática.

Segundo Meeks (1992: 46), mulheres que se destacavam no papel de patronas de associações e/ou construções, em sua maioria, não pertenciam à aristocracia, mas eram

comerciantes ou atuantes no artesanato. Como podemos observar, elas se utilizavam desses atributos para se destacarem, seja nas associações ou nas reuniões religiosas. Koester (2005: 66) afirma “Era na esfera das atividades religiosas e culturais que tinham mais oportunidades”.

Questionamentos e respostas a uma igreja.

A I Carta aos Coríntios foi escrita entre os anos de 53 e 54 d.C., quando Paulo estava em Éfeso. Segundo Rm 16, 23, Gaio será o anfitrião da Igreja Coríntia: “Saúdeos Gaio, que hospeda a mim e toda a Igreja.”. A epístola que hoje denominamos de “I Carta aos Coríntios” corresponde, na verdade, a uma carta posterior que Paulo endereça a essa comunidade. O próprio apóstolo nos oferece essa informação em I Co 5, 9: “Eu vos escrevi em minha carta [...]”. Como essa carta mencionada, vários escritos cristãos foram perdidos ao longo dos anos. Por meio de vários anos de pesquisa por parte de historiadores, teólogos, entre outros estudiosos, podemos notar que algumas cartas são na verdade trechos de outros escritos¹⁶, outros são escritos posteriores de discípulos de Paulo¹⁷, e ainda, em meio aos escritos originais do apóstolo encontramos interpolações posteriores, o que ocorre em I Coríntios.

Essa epístola também se trata de uma resposta a vários questionamentos realizados pelos cristãos de Corinto: “Passemos aos pontos os quais me escrevestes [...]” (I Co 7, 1). Portanto, notamos como o cristianismo ainda era um campo religioso novo; questões relacionadas às suas percepções através de sua convivência com o meio e a nova “ótica” apresentada por Paulo e o seu cristianismo. Os questionamentos apresentados pelos fiéis coríntios também demonstram outro ponto importante nesse movimento cristão inicial: as divergências entre Paulo e os membros apontam como o apóstolo não era uma autoridade incontestável. A formação dos grupos cristãos, a vida em comunidade, sua autorregulação, e principalmente, a unidade, eram os pontos elencados por Paulo em seus escritos.

Personagens femininas em Corinto

¹⁶ A II Carta aos Coríntios é entendida atualmente como uma reunião de várias cartas.

¹⁷ Efésios, Colossenses, II Tessalonicenses, I e II Timóteo, Tito, Hebreus.

A carta é um dos escritos mais extensos de Paulo. Nela, diversos problemas são trabalhados pelo apóstolo: divisões dentro da própria comunidade, incesto, julgamentos em tribunais civis, carnes sacrificadas aos ídolos, as reuniões cristãs, diversidade de dons, entre outros. Alguns desses pontos são levantados pela própria comunidade. Entre elas podemos citar as “[...] pessoas da casa de **Cloé** [...]” (I Co 1, 11) (grifo nosso). Não há muitos dados sobre essa personagem, que é mencionada apenas nessa passagem, mas podemos inferir a partir desse trecho algumas ideias.

Paulo menciona Cloé como sendo a dona da casa. Assim, para uma mulher ser a liderança da casa ela deveria apresentar um status econômico médio a alto. Além disso, o significado de casa na antiguidade não era apenas uma habitação. A *domus* abarca o sentido de todos que dependem dela: a família, escravos, libertos, cliente e patrão, toda uma rede ampla de relações sociais (MEEKS, 1992: 53). Porém, acerca do papel de Cloé na comunidade de Corinto não temos informações, podemos apenas deduzir que era um membro influente, tanto pelo seu status, como pela rede de comunicação que mantinha com Paulo. Temos, a título de exemplo, outra personagem feminina comerciante que se encontrou com Paulo e ofereceu seus serviços a este:

Uma delas, chamada Lídia, negociante de púrpura da cidade de Tiatira, e adoradora de Deus, escutava-nos. O Senhor lhe abriu o coração, para que ela atendesse ao que Paulo dizia. Tendo sido batizada, ela e os de sua casa, fizeram este pedido: “Se me considerais fiel ao Senhor, vinde hospedar-vos em minha casa”. E forçou-nos a aceitar. (At 16, 14-15)

Após trabalhar com as divisões entre partidos dentro da comunidade ao longo dos quatro capítulos iniciais da epístola (acerca das preferências dos membros por pregadores, entre eles Apolo, Pedro e o próprio Paulo), encontramos um apóstolo indignado com outra situação: “Só se ouve falar de imoralidade entre vós, e imoralidade tal que não se encontra nem mesmo entre os gentios: um dentre vós vive com a mulher de seu pai!” (I Co 5, 1). Segundo a Bíblia de Jerusalém (2002: 1998) tal prática era proibida pelo direito romano, todavia podemos inferir que possivelmente a madrastra nesse caso seria viúva ou divorciada, assim, segundo a *Lei Juliana sobre o Matrimônio* mulheres nessa situação, que tivessem entre vinte e cinquenta anos, eram incentivadas a casar (CROSSAN; REED, 2007: 97-98). Portanto, por mais que Paulo tente enfatizar tal iniquidade como um grande ultraje para a comunidade, tal fato não seria tão escandaloso no mundo social romano.

Ao discorrer sobre o caso, o apóstolo não menciona ou acusa a mulher, mas apenas o indivíduo pertencente à comunidade: “[...] entreguemos tal homem a Satanás para a perda da sua carne, a fim de que o espírito seja salvo no dia do Senhor.” (I Co 5, 5). Podemos supor que a mulher não seja cristã, já que ele indica que os fiéis não se associem a membros da própria comunidade que pratiquem tais atos (I Co 5, 9-11). E ainda, o apóstolo afirma que os fiéis da comunidade (incluindo ele mesmo) devem julgar os próprios cristãos (I Co 5, 12). Assim, somente o membro da igreja seria julgado dentro dos parâmetros cristãos.

Sexualidade e cristianismo: a caracterização feita por Paulo

Aqui exploraremos o capítulo sete da epístola, no qual Paulo aborda a questão da virgindade, casamento, divórcio e viuvez, a pedido dos próprios coríntios (I Co 7, 1). Destarte, o apóstolo trata de situações de homens e mulheres da comunidade, podemos observar melhor as relações de gênero. Desse modo, para analisarmos a identidade feminina necessitamos observar como no texto se coloca seu papel em relação ao “outro”, ou seja, o homem. Como afirma a socióloga Joan Scott (s.d.: 7) sobre um dos aspectos do conceito de gênero:

[...] “Gênero”, como substituto de “mulheres”, é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro.

Em princípio, o apóstolo desejava que todos seguissem o celibato como ele (versículo sete), entretanto se caso este não fosse o dom do fiel que cada um tenha a sua esposa e cada esposa tenha seu marido. Detalhando mais o casamento podemos observar que os deveres e direitos são iguais entre o homem e a mulher, a reciprocidade em forma de igualdade. Como afirmam os estudiosos Crossan e Reed (2007: 111), tais direitos e deveres são apontados nas diferentes situações familiares, inclusive nas relações sexuais.

Já discorremos anteriormente acerca do status da mulher romana, tanto sobre as regras comportamentais como algumas das vivências. Nas tradições judaicas encontramos normas comportamentais semelhantes:

Por volta dos doze anos, ou mesmo mais cedo, as raparigas passavam do poder paterno para o poder marital. E se podiam receber do marido o libelo do divórcio (*get*) por “algo de vergonhoso”, impudícia ou simplesmente por temperamento desagradável [...] as suas possibilidades de exigir o divórcio eram excepcionais. O contrato de casamento (*ketouba*) fixava [...] o dote que cabia ao marido, mas cujo equivalente devia ser restituído à mulher em caso de divórcio [...] Outra inferioridade jurídica era a não-aceitação do seu testemunho, “por causa da ligeireza e da temeridade do seu sexo”, dirá Flávio Josefo. (ALEXANDRE, 1990: 520)

Essa submissão também era encontrada nas relações sexuais. Peter Brown (2009: 253) explora bem tal ideia ao analisar a situação dos notáveis:

O medo da efeminação e da dependência emocional, fundamentado na necessidade de manter a imagem pública de um homem realmente integrado à classe superior, e não em escrúpulos relativos à sexualidade em si, determina o código moral segundo o qual a maioria dos notáveis conduz a sua vida sexual.

As mulheres pertencentes à classe média ainda apresentavam uma maior mobilidade; como decorremos anteriormente acerca de Cloé e Lídia. Essas “empresárias” poderiam trabalhar com o marido ou companheiros (como o faz Priscila), elas poderiam participar de associações voluntárias (de comerciantes, artesãos, entre outras) que também significaria um status social (MEEKS, 1992: 44-45).

O apóstolo Paulo inicia seu discurso sobre o casamento com uma premissa de pertencimento mútuo:

O marido cumpra o dever conjugal com a esposa; e a mulher faça o mesmo em relação ao marido. A mulher não dispõe do seu corpo; mas é o marido quem dispõe. Do mesmo modo, o marido não dispõe do seu corpo; mas é a mulher quem dispõe. (I Cor 7, 3-4).

Esse tom de reciprocidade continua nos versículos seguintes, a respeito do divórcio, o qual é repudiado: “Quanto àqueles que estão casados, ordeno não eu, mas o Senhor, a

mulher não se separe do marido [...] e o marido não repudie sua esposa!” (I Co 7, 10-11). Ao pensarmos essa fala no contexto em que estava o apóstolo, a sociedade romana do século I d.C., ela nos parece até um ato subversivo.

Considerando-se outras culturas que conviveram e influenciaram o cristianismo desde a sua origem, como o judaísmo, o divórcio era, em geral, aceito pelos homens, como já vimos acima, através da fala de Monique Alexandre. Com motivos que podiam variar desde o adultério até uma refeição que não agradasse ao paladar do marido (SILVA, 2006: 42). Raramente uma mulher tinha a possibilidade de requerer o divórcio. Ele poderia ser concedido pelo marido ou por meio da convocação de um tribunal. Se esse tribunal concordasse com a esposa ele pediria para que o marido cedesse à separação.

Observamos, então, que Paulo não parece se importar com a condição feminina no mundo social ao qual ele pertencia, seus direitos e deveres dentro da comunidade cristã correspondem aos mesmos dos homens.

Celibatários

Ao tratar dos indivíduos que não são casados; sejam eles por questão de divórcio, viuvez ou por uma escolha pelo celibato, Paulo recomenda que permaneçam nesse estado: “Contudo, digo aos celibatários e às viúvas que é bom ficarem como eu.” (I Co 7, 8). Nos séculos posteriores a prática do ascetismo no cristianismo seria longamente discutida, e até servirá como um demarcador de status religioso, principalmente nos séculos IV e V d.C.: “O ascetismo vinha a ser a marca do cristianismo autêntico numa sociedade em que ser cristão não mais precisava fazer qualquer diferença na vida de uma pessoa.” (MARKUS, 1997: 46).

Já nos séculos I e II d.C. esse comportamento serviu como predicativo cristão que distinguia a moral cristã da moral geral. Os próprios fiéis de Corinto indagam sobre isso: “Passemos aos pontos sobre os quais me escrevestes. ‘É bom ao homem não tocar em mulher’” (I Co 7, 1). Segundo Peter Brown (2009: 234), havia um certo puritanismo na regulação da moral sexual do homem romano, principalmente por parte dos notáveis. O ato sexual poderia causar-lhe o “resfriamento” do temperamento, isto é, “[...] a perda de seus recursos se revelaria então com a impiedosa clareza, através de uma perda de entusiasmo na cena pública”; (BROWN, 2009: 234). Portanto, através da abstinência sexual os notáveis poderiam manter em exercício seu principal papel na sociedade antiga, o de homem público.

Podemos perceber algo de semelhante na fala do apóstolo Paulo ao justificar sua preferência pelo celibato:

Eu quisera que estivésseis isentos de preocupações. Quem não tem esposa, cuida das coisas do Senhor e do modo de agradar ao Senhor. Quem tem esposa, cuida das coisas do mundo e do modo de agradar à esposa, e fica dividido. Da mesma forma, a mulher não casada e a virgem cuidam das coisas do Senhor, a fim de serem santas de corpo e de espírito. Mas a mulher casada cuida das coisas do mundo; procura como agradar ao marido. (I Co 7, 32-34)

Posteriormente, Paulo expressou que “Ademais, viva cada um segundo a condição que o Senhor lhe assinalou em partilha e na qual ele se encontrava quando Deus o chamou.” (I Co 7, 17), ou seja, seja o indivíduo circunciso ou incircunciso (I Co 7, 18-19); escravo ou liberto (I Co 7, 21-23), e acrescentamos: casados ou celibatários.

Portanto, por mais que o celibato tivesse a primazia para o apóstolo Paulo, já que um cristão poderia dedicar-se totalmente à vida do Evangelho como ele, o casamento é um carisma divino que se equipara ao celibato. No capítulo 14 da epístola Paulo disserta sobre a diversidade de dons do Espírito, salientando que o principal seria o da profecia, em comparação com o dom de línguas. Contudo, ele apenas reflete sobre os dons expressos durante a assembleia, o matrimônio e o celibato analisados aqui se encontram apenas no capítulo 7, que podemos concluir com a fala do apóstolo: “Quisera que todos os homens fossem como sou; mas cada um recebe de Deus seu dom particular; um, deste modo; o outro, daquele modo.” (I Co 7,7).

Mulheres na Assembleia: participação e misoginia

No princípio, as reuniões cristãs pareciam ser bastante diversas; Paulo nos fala da realização da Ceia do Senhor (em I Co 11, 17-34), e das possibilidades de algumas práticas:

Quando estais reunidos, cada um de vós pode cantar um cântico, proferir um ensinamento ou uma revelação, falar em línguas, falem dois ou, no máximo, três, um após o outro. E que alguém as interprete. Se não há intérprete, cale-se o irmão na assembleia, fale a si mesmo e a Deus. Quanto aos profetas, dois ou três tomem a palavra e os outros julguem. Se alguém que esteja sentado,

recebe uma revelação, cale-se primeiro. Vós todos podeis profetizar, mas cada um a seu turno, para que todos sejam instruídos e encorajados. (I Co 14, 26-31).

Tanto a assembleia reunida como a comunidade cristã é denominada *ekklesia* no grego. No contexto do mundo antigo esse termo não significava apenas uma reunião, mas consistia em uma reunião de cidadãos livres do sexo masculino de uma cidade que se uniam para tomar decisões políticas (MEEKS, 1992: 167).

Acerca da participação feminina, temos a seguinte passagem:

Como acontece em todas as Igrejas dos santos, estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz a Lei. Se desejam instruir-se sobre algum ponto, interroguem os maridos em casa; não é conveniente que a mulher fale nas assembleias. Porventura, a palavra de Deus tem seu ponto de partida em vós? Ou fostes vós os únicos que recebestes? Se alguém julga ser profeta ou inspirado pelo Espírito, reconheça, nas coisas que vos escrevi, um preceito do Senhor. (I Co 14, 33-37).

Parece-nos aqui que o apóstolo após sustentar a equidade no matrimônio, no divórcio, e na escolha pelo celibato, converte-se a uma visão patriarcal, remetendo-se até à lei judaica. E ainda, nesse trecho há uma insistência em se afirmar que seus escritos devem ser seguidos, pois são princípios regrados pelo próprio Deus, que se difere das outras discussões, nas quais Paulo oferece a sua própria opinião em alguns momentos e, em outros, os ensinamentos divinos.

Segundo historiadores, teólogos, entre outros estudiosos, esse trecho seria na verdade, uma interpolação, isto é, uma inserção posterior de outro indivíduo, provavelmente um discípulo de Paulo¹⁸. Uma das primeiras evidências é a posição dessa passagem: nos manuscritos mais antigos esses parágrafos se encontram ao final da carta. Outro apontamento que nos indica se tratar de uma interpolação é que esse trecho entra em contradição com trecho anterior:

¹⁸ Crossan e Reed (2007: 117) afirmam que tal passagem é uma interpolação que advém de uma tradição posterior. Os autores apontam ainda que em alguns manuscritos mais antigos essa passagem se encontra ao final do capítulo 14 (como afirmamos acima), o que também aponta a Bíblia de Jerusalém (2006: 2012) em uma nota de rodapé acerca desses versículos.

Mas toda mulher que **ore** ou **profetize** com a cabeça descoberta, desonra a sua cabeça; é o mesmo que ter a cabeça raspada. Se a mulher não se cobre, mande cortar os cabelos! Mas, é vergonhoso para a mulher ter os cabelos cortados ou raspados, cubra a cabeça! (I Co 11, 5-6) (Grifo nosso).

Podemos ver claramente que a mulher exerce a mesma atividade que o homem, ela ora e profetiza nas assembleias. A atuação feminina nas reuniões cristãs continuou ao longo dos séculos. Segundo Monique Alexandre (1990: 534), Marcião¹⁹ criou uma igreja na qual as mulheres exerciam funções sacerdotais, desde a pregação até o batismo.

A utilização do véu para as mulheres ditadas pelo apóstolo Paulo retrata uma questão cultural do período. Trata-se de um código de vestuário pertencente à sociedade antiga, de diferenciação entre as vestimentas masculinas e femininas. Segundo Keila Matos (2004: 109-110), em sua dissertação de mestrado “Protagonismo e resistência de mulheres no discurso de Paulo em I Coríntios 11 e 14”, o fato de uma mulher andar de cabelos soltos em Corinto teria apenas três significados: o luto, o adultério, ou a participação no culto de Ísis, Afrodite e/ou Dionísio.

A ênfase de Paulo sobre o uso do véu (“desonra”) indica que as coríntias não estavam se atendo a essa prática; e assim, que elas deviam valer-se do véu, principalmente “por causa dos anjos” (I Co 11, 10). Ainda, segundo Matos (2004, p. 112) as cristãs coríntias acreditavam que a liberdade no Senhor (I Co 7, 22) suplantava qualquer outro tipo de sujeição social e/ou cultural. Além disso, segundo a mesma autora,

Conforme Foulkes (1993, p. 89), é provável que as mulheres profetas achassem que ao celebrarem os cultos cristãos em suas casas, por não ser um lugar público, pudessem desempenhar seu papel na liturgia com a cabeça descoberta. (MATOS, 2004: 112)

Ou seja, a casa era um espaço mais favorável, que oferecia uma maior liberdade às mulheres nesse momento.

Também, segundo a Bíblia de Jerusalém (2002: 2006) esses *anjos* que o apóstolo menciona são, na verdade, mensageiros de outras comunidades, o que cria uma concórdia

¹⁹ Marcião foi teólogo do século II d.C., influenciado pelos escritos paulinos, foi um dos primeiros cristãos a realizar uma seleção dos textos cristãos para criar um cânon.

com uma das ideias fundamentais pregadas pelo apóstolo na epístola; “assim como eu mesmo me esforço por agradar **a todos em todas as coisas**, não procurando os meus interesses pessoais, mas os de maior número, a fim de que sejam salvos.” (I Co 10, 33) (grifo nosso).

Destarte, notamos como o papel feminino era importante na comunidade de Corinto. Assim como o homem, a mulher exerce diferentes atividades na Igreja cristã primitiva. Segundo Crossan e Reed (2007: 113) essas funções são exercidas de acordo com a “igualdade diferenciada”, isto é, na diferença de dons e cargos, porém sem uma hierarquia paternalista. Entretanto, notamos que Paulo não seria tão “feminista” a chegar a esse ponto²⁰:

Quero, porém, que saibais: a origem de todo homem é Cristo, a cabeça da mulher é o homem, e a cabeça de Cristo é Deus. [...] Quanto ao homem, não deve cobrir a cabeça, porque ele é a imagem e a glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem. Pois o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher do homem. E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem. (I Co 11, 3; 7-9)

Concordamos com os autores com a seguinte apreciação que estes apresentam: Paulo apresenta uma “estranha dicotomia”²¹ (idem: 111) acerca dos papéis de gênero, e isso pode ser notado nesse mesmo capítulo da epístola, alguns versículos depois:

Entretanto, diante do Senhor, a mulher não existe sem o homem e o homem não existe sem a mulher. Pois, se a mulher foi tirada do homem, o homem nasce pela mulher, e tudo vem de Deus. (I Co 11, 11-12)

A dicotomia que o apóstolo apresenta é uma divisão das questões culturais das questões “celestiais”. Paulo condenava tudo que aparentasse um escândalo, seja para os não cristãos como para os próprios membros da comunidade (I Co 10, 32), todavia “diante do Senhor”, há uma igualdade encontrada na “caridade”: “Agora vemos em espelho e de

²⁰ Crossan e Reed (2007: 110) ainda afirmam: “O princípio básico de Paulo a respeito da igualdade aplica-se não apenas à escravidão, mas também ao patriarcado. A desigualdade cristã de gênero não pode mais existir nem tampouco a diferença cristã de classes. As mulheres e os homens são, portanto, iguais na família, na assembléia e no apostolado cristão.”

²¹ Apesar de os autores se referirem ao contraste entre as passagens da Carta aos Gálatas 3, 28 e I Co 11, 3-16.

maneira confusa, mas depois, veremos face a face. Agora meu conhecimento é limitado, mas, depois, conhecerei como sou conhecido.” (I Co 13, 12).

Pela proeminência dada ao apóstolo à questão do véu e dos cabelos, podemos inferir que as mulheres coríntias estavam realizando práticas contrárias ao que Paulo descreve. Matos (2004: 115) ainda afirma que as mulheres poderiam ter chegado ao ponto de se trajar como homens, como a personagem Tecla, na obra “Atos de Paulo e Tecla”.

Se isso realmente ocorria, podemos observar que as mulheres da igreja coríntia aproveitaram essa nova realidade religiosa, que ainda não apresentava uma configuração bem estabelecida tanto no mundo romano, como na própria cidade de Corinto. Como as reuniões paleocristãs eram realizadas no ambiente domiciliar, um espaço no qual as mulheres teriam uma maior liberdade e poder social, este também seria mais um dos fatores que propiciou tais práticas.

Considerações Finais

A comunidade cristã de Corinto se revelou (e ainda se revela) um estudo de caso distinto de outras igrejas primitivas. Não houve “ataques” de outros religiosos como em outras comunidades (como a que se situava em Éfeso), assim, surgiram contendas no interior da própria igreja. Como um campo religioso novo, não há uma ortodoxia definida, questionamentos surgem a todo momento por parte dos fiéis para que possam compreender o que seria o cristianismo.

Portanto, não havendo uma organização eclesial estabelecida, os membros da comunidade não tinham suas funções instituídas. Assim, homens e mulheres têm uma maior liberdade para criar e recriar as práticas cristãs. Essa liberdade foi até certo ponto limitada pelas ponderações de Paulo, contudo, por mais que este tenha sido o criador da comunidade coríntia e tenha uma autoridade que advém de sua posição de apóstolo (I Co 9, 2), ainda notamos no *corpus paulinum*, por meio das questões apresentadas pelos fiéis, como isso era alvo de discussões.

Em I Coríntios observamos como as mulheres têm diferentes papéis, e que Paulo associou essas funções (não somente das mulheres, mas dos cristãos de modo geral) com o dom ou carisma de cada fiel. De virgens, viúvas a esposas; cada uma delas tem caracteres e serviços específicos na igreja. O que elas têm em comum é a liberdade de

expressão nas assembleias, fato significativo para as mulheres na Antiguidade. Enquanto nos cultos romanos havia grupos somente constituídos de mulheres para práticas religiosas específicas, aqui observamos como homens e mulheres participam intensamente, dividindo o mesmo espaço.

Então, notamos que, além de se expressar, as cristãs estavam criando novas práticas culturais, como a exclusão do véu (que foi criticada por Paulo). Porém, nem todos os cristãos concordavam com essa liberdade, como mostra a inserção de I Coríntios 14, 33-37.

Concordamos com Crossan e Reed no seguinte apontamento: “[Paulo] Apenas proclamava o que o cristianismo nunca teve a capacidade de seguir; que *nele* todos são iguais [...]” (2007: 10-11). Contudo, entendemos que Paulo pregava que isso somente seria concretizado no Reino de Deus. O apóstolo não chegou a pregar uma mensagem “ultra-radical”, como apontam Crossan e Reed sobre ele (2007: 120). De fato, como vimos, quando Paulo se refere a questões como o matrimônio e o celibato ele faz alusão tanto aos homens como as mulheres.

O apóstolo Paulo fez a seguinte proposição em Gálatas 3, 28: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos sois um só em Cristo Jesus.” Porém, em I Co 7, 17 ele diz: “Ademais, viva cada um segundo a condição que o Senhor lhe assinalou [...]”. Ao profundarmos nossa análise sobre Paulo, entendemos que sua pregação era ponderada, isto é, por mais que seu cristianismo fosse “radical”, ele ainda estava inserido na cultura do mundo social ao qual pertencia. Afinal, o mesmo Paulo achava vergonhoso uma mulher profetizar ou orar na assembleia de cabelos raspados ou sem o véu (I Co 11, 4-6).

Aliado a Paulo, ainda temos mais um escritor em nossas fontes que se dedica às mulheres; em I Co 14, 34-38. Esse personagem desconhecido pregou que as mulheres deveriam se expressar nas assembleias através do silêncio. Essa interpolação nos revela que já havia indivíduos que mantinham a opinião de que o papel feminino seria somente o de submissão ao homem. Esse pensamento pode advir de indivíduos convertidos do judaísmo; já que também fazem referência à Lei (I Co 14, 34).

A participação das mulheres dentro das igrejas cristãs na atualidade também apresenta uma grande diversidade de opiniões. Notamos como uma provável mudança de leis, defendida por bancadas políticas formadas por homens religiosos cristãos, suscitou a manifestação de movimentos feministas, inclusive de caráter cristão.

Novas pesquisas acerca do papel feminino nas primeiras comunidades cristãs devem ser realizadas, pois, existem possibilidades múltiplas e interpretações diversas que ainda devem enriquecer o debate acerca das relações de gênero no cristianismo antigo. Pesquisar os primeiros documentos cristãos e analisar as vozes femininas nesse meio nos permite tentar compreender como essas mulheres se viam através de suas práticas dentro da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A) Documentação

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada São Paulo: Paulus, 2006.

B) Obras Gerais

ALEXANDRE, Monique. Do anúncio do Reino à Igreja: Papéis, ministérios, poderes femininos. In: DUBY, G.; PERROT, M. In: *História das Mulheres no Ocidente: A Antigüidade*. Trad.: Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilherme Mota, Edições Afrontamento, Porto: Portugal, 1990, p. 511-563.

AQUINO, Felipe. *Os 12 Apóstolos*. Disponível em: <http://cleofas.com.br/os-12-apostolos/>. Acessado em: 14/08/2017, às 12h16min.

BOOKIDIS, N. Religion in Corinth: 146 B.C.E to 100 C.E. In: SCHOWALTER, D.N.; FRIESEN, S.J. (orgs.). *Urban Religion in Roman Corinth: Interdisciplinary Approaches*. Harvard University Press, Massachusetts, 2005, p. 141-164.

BRASIL. Proposta de Ementa à Constituição 181/2015, de 16 de dezembro de 2015. Altera o inciso XVIII do art. 7º da Constituição Federal para dispor sobre a licença-maternidade em caso de parto prematuro. *Câmara dos Deputados*. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2075449>. Acessado em: 16/11/2017, às 18h24min.

BROWN, Peter. Antiguidade Tardia. In: VEYNE, P. (org.). *História da Vida Privada*, vol. I: Do Império Romano ao Ano Mil. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 225-299.

BURKE, P. *História e Teoria Social*. Tradução: Klaus Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. São Paulo: UNESP, 2002.

CORNELL, T. J., MATHEWS, J. *Roma: legado de um império*. 2º vols. Trad. de M. E. Vidigal. Madri: Edições del Prado, 1996.

CROSSAN, J. D.; REED, J. L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.

FEITOSA, Lourdes Conde. Gênero e Sexualidade no Mundo Romano: A Antiguidade em Nossos Dias. In: *História: Questões e Debates*, Curitiba: Paraná, n. 48/49, p. 119-135, 2008. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/15297/10288>. Acessado em: 06/12/2011, às 10h45min.

GLOBO.COM. *Número de evangélicos aumenta 61% em 10 anos, aponta IBGE*. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>. Acessado em 20/06/2017, às 12h00min.

KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento - volume 1: História, cultura e religião do período helenístico*. São Paulo: Paulus, 2005.

KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento - volume 2: História e Literatura do Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulus, 2005

MARKUS, R. *O Fim do Cristianismo Antigo*. Trad.: João Rezende Costa, São Paulo: Paulus, 1997.

MATOS, Keila Carvalho de. *Protagonismo e Resistência das Mulheres no Discurso de Paulo de I Co 11 e 14*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2004.

MEEKS, W. A. *Os Primeiros Cristãos Urbanos: O mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 1992.

NUNES, Maria José Rosado. Gênero e Religião. In: *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 2, Florianópolis, p. 363-365, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000200009. Acessado em: 20/08/2012, às 11h23min.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acessado em: 28/04/2012, às 11h24min.

SILVA, Roberta Alexandrina da. *O Reino para Elas: Mulher e Comunidades Cristãs no Primeiro Século da Era Cristã*. Dissertação de Mestrado, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas na Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: [s.n.], 2006. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/278953/1/Silva_RobertaAlexandrina_a_M.pdf. Acessado em: 03/03/2012, às 00h42min.

Worldwide Independent Network of Market Research. *Losing our religion? Two thirds of people still claim to be religious*. Disponível em: http://www.wingia.com/en/news/losing_our_religion_two_thirds_of_people_still_claim_to_be_religious/290/. Acessado em: 21/07/2017, às 17h10min.